

Otimismo para o comércio internacional

O comércio internacional voltou a crescer no ano de 1988. Muito embora esse fato já fosse esperado, houve certa surpresa em relação à taxa de crescimento, que foi de 8,5% a mais em seu volume, sendo que cresceu 14% em termos de valor, atingindo um recorde de US\$ 2,84 trilhões.

Os números, divulgados nesta semana pelo Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT), superaram as estimativas feitas pelo órgão, e segundo seus economistas esse crescimento deverá repetir-se no ano de 1989, isto se os principais países industrializados controlarem o aumento de suas inflações internas, além de garantirem os mercados abertos, evitando-se o protecionismo.

São muitos os fatores que podem explicar esse crescimento, mas talvez um dos principais a serem analisados seja o fortalecimento dos investimentos empresariais, que, segundo o relatório preliminar do GATT, acusaram uma alta de 11% no volume de investimentos privados nos países industrializados membros da OCDE.

Ou seja, o crescimento do co-

mércio mundial, que reflete um crescimento também da economia mundial, é aproveitado pelos países com poupança para investimentos na área produtiva.

Os países industrializados, em particular os ricos, crescem a taxas que se aproximam do crescimento mundial, o que não se pode dizer dos países em desenvolvimento, que não logram esse objetivo, conseguindo, no máximo, como é o caso do Brasil, manter posições relativas.

Diferentemente de fatores presentes na última recessão mundial, ocorrida no início da década, hoje a existência de uma inflação moderada e o fato de não haver superaquecimento econômico disseminado nas economias centrais do mundo são causas do bom desempenho econômico mundial.

Note-se, ainda, que, ao contrário da explosão comercial de 1984, quando um só país, os Estados Unidos, impulsionou as importações de vários outros, mediante significativo aumento de sua demanda, em 1988 países como Alemanha e Japão, por exem-

plu, tiveram seus volumes de importações aumentados.

No entanto, se esses fatores auxiliam uma previsão positiva em relação ao crescimento da economia internacional, não nos asseguram que esteja afastada a hipótese de uma necessária adequação econômica entre Estados Unidos, Alemanha e Japão, em que o primeiro país reduziria suas importações e os outros dois diminuiriam o volume de exportam.

Isto, se não viesse a significar uma nova recessão mundial, mesmo que por pouco tempo, no mínimo provocaria uma desaceleração nos níveis de crescimento, fechando ainda mais as possibilidades de progresso dos países em desenvolvimento, em particular o Brasil, maior indvidado entre eles.

O Brasil, com exportações em 1987 no valor de US\$ 26,284 bilhões, participou do comércio internacional com 0,92%, sendo que em 1988 aumentou sua participação para 1,2%, ou US\$ 33,781 bilhões, participação esta ainda modesta, mas com real importância para nossa economia.

No entanto, o bom resultado

de nossas exportações, que acompanharam o crescimento do comércio mundial e que nos possibilitaram uma balança comercial recorde, tendo em vista o peso de nossa dívida externa e o volume de pagamento de encargos, não nos possibilitou os investimentos necessários para assegurar nosso crescimento.

Pelo contrário, o atraso nos investimentos essenciais, principalmente no que se refere à infraestrutura, como por exemplo no setor energético ou no desenvolvimento tecnológico, coloca-nos cada vez mais num cenário desanimador.

Não acreditamos que só seja possível o Brasil crescer se houver crescimento na economia mundial. Porém, é sem dúvida mais fácil alcançar o crescimento nesta situação. Daí tornar-se imperativo para nós rediscutir os termos de nossas relações econômicas internacionais, aproveitando um período de prosperidade e riqueza para a economia mundial. Num cenário diferente dificilmente encontraremos disponibilidade de recursos ou disposição para o diálogo.